

OUTROS TEMPOS, MELHORES HOMENS



Em 1920, a Argentina ignorou a autoridade dos Estados Unidos na República Dominicana, país ocupado pela potência desde 1916.

O episódio se deu quando um navio de guerra argentino, de passagem pela República Dominicana, desconheceu o pavilhão norte-americano e rendeu homenagens com a tradicional salva de 21 tiros de canhão a uma improvisada bandeira da nação caribenha, içada às pressas, provocando a alegria dos dominicanos em Santo Domingo, a capital.

O episódio, pouco conhecido, foi relatado por Gregorio Selser em *cuadernos* n° 22, de julho de 1978. Segundo dados recolhidos de diversas fontes por nosso companheiro – falecido no México, em 1991 – tomaram parte na decisão, além do comandante do navio, o então embaixador argentino em Washington, o ministro da Marinha e o próprio presidente Hipólito Yrigoyen.

É evidente que há sete décadas a Argentina contava com ministros, diplomatas e militares com perfis

muito diferentes ao dos atuais. Para não falar do abismo que separa o mandatário daquela época e o de hoje, que se tornou conhecido internacionalmente – entre outras atitudes – por sua rapidez em enviar soldados argentinos a qualquer ponto do planeta onde estejam em jogo os interesses dos... Estados Unidos.

Desta vez não se trata de uma das *Grandes Reportagens* que vínhamos republicando em comemoração aos 20 anos de cadernos. Trata-se de um artigo de pesquisa cujo episódio central contrasta com a realidade de nossos dias, quando militares argentinos desembarcam no Haiti sob a bandeira norte-americana. E é, ao mesmo tempo, uma homenagem ao talento de nosso Gregorio, cujas pesquisas e artigos continuam atuais até hoje.

A história não contada

Desconhecendo a invasão norte-americana, um navio argentino prestou homenagens, em 1920, à bandeira dominicana, despertando o sentimento patriótico daquele povo

Gregorio Selser*

Na noite de 24 de maio de 1919, o poeta Amado Nervo morria em Montevideu, onde era embaixador do México. O Uruguai teve o elegante gesto de determinar que o corpo do poeta fosse devolvido à sua pátria em um dos navios de sua Marinha de Guerra. A Argentina decidiu juntar-se à homenagem por decisão do presidente Hipólito Yrigoyen. O ministro da Marinha designou em 1º de junho o comandante do navio *9 de Julho*, capitão de fragata Francisco Antonio de la Fuente, para escoltar o navio uruguaio.

O jovem comandante De la Fuente – 38 anos, um filho – era marinheiro praticamente desde criança. Ingressou na Escola Naval ao 14 anos de idade, em dezembro de 1895, e serviu em várias fragatas. Desde 13 de fevereiro de 1919, era comandante do *9 de Julho*.

Construído nos estaleiros Armstrong Mitchell, de Newcastle, em 1892, o *9 de Julho* ostentava uma bandeira bordada por mulheres brasileiras, um presente recebido durante uma viagem de paz, confraternização e união americana, que o navio fez em 1897 ao Rio de Janeiro.

A ocupação norte-americana – A República Dominicana se encontrava sob intervenção dos Estados Unidos desde 14 de maio de 1916, que alegaram a necessidade de salvaguardar interesses de empresas e cidadãos norte-americanos.

Marines dos Estados Unidos: folha de serviços inclui várias intervenções em países da América Latina



Na verdade, tratava-se de uma nova agressão às soberanias das repúblicas independentes do Caribe e América Central, entre as dezenas de intervenções realizadas pelos Estados Unidos durante a presidência de Woodrow Wilson, justificadas pela “necessidade estratégica” de resguardar os acessos a águas norte-americanas, supostamente prevendo a entrada do país na Primeira Guerra Mundial, na Europa. O Haiti – que divide a ilha da Hispaniola com a República Dominicana – também se encontrava sob intervenção norte-americana.

A resistência provocada pelas ocupações não solicitadas nem desejadas levou Wilson a acentuar a repressão contra os povos haitiano e dominicano. Em 29 de novembro de 1916 os Estados Unidos deixam de lado a retórica. Um certo capitão Knapp, com o consentimento de Wilson, lança do navio *Olimpia* uma “Proclamação de Ocupação”, pela qual, como observa o historiador e diplomata Summer Welles, “se desconhecia oficialmente a existência de um governo dominicano, estabelecido de acordo com a Constituição da República Dominicana, uma nação independente que havia mantido sua liberdade e independência contra todas as ameaças e forças contrárias de superioridade esmagadora durante os 72 anos anteriores”.

Como era de se esperar, se iniciou a resistência popular, que foi reprimida com rigor pelo exército de ocupação. Por toda a América de língua espanhola e no próprio Estados Unidos se sucederam denúncias de assassinatos e depredações cometidos pelas forças de Knapp (a ocupação norte-americana durou até 1924).

“Homenageie a Rep. Dominicana” – O capitão De la Fuente talvez tivesse notícia prévia de tal situação, ou talvez tenha tomado conhecimento quando o *9 de Julho*, uma vez cumprida sua missão de escolta no porto mexicano de Vera Cruz, se separou do navio uruguaio que levava o corpo do poeta e

seguiu um itinerário de volta independente, fazendo visitas de cortesia a países do Caribe.

Ao se aproximar de Santo Domingo, capital da ocupada República Dominicana, se apresentou uma questão que De la Fuente não estava em condições de resolver sozinho, em razão das estritas normas estabelecidas num caso como este. Não teria havido nenhum problema se não fosse pela circunstância de que se tratava de um país irmão cuja soberania havia sido suprimida – provisória ou definitivamente – por uma potência estrangeira.

O que devia fazer? Evitar a visita ao porto de Santo Domingo alterando o itinerário estabelecido por seus superiores estava totalmente descartado. Mas, então, como resolver o problema de protocolo? A quem devia oferecer suas saudações? Sabe-se que tais formalidades se fazem em homenagem aos símbolos pátrios, ou seja, às bandeiras. Mas é igualmente sabido que uma força de ocupação coloca no alto dos edifícios e fortalezas seu próprio símbolo nacional. A bandeira dominicana não tremulava há mais de três anos na ilha, porque também no Haiti havia sido substituída pela norte-americana.

O diário de navegação do navio *9 de Julho* não registra as dúvidas íntimas de seu comandante, mas sim o texto de uma mensagem cifrada que este enviou ao embaixador argentino em Washington, Tomás Le Bretón, do porto de Porto Príncipe:

“Haiti: Janeiro 6 de 1920. O capitão de fragata Fco. de la Fuente se dirige a V. E. embaixador argentino na América do Norte solicitando urgente, que comunique à qual bandeira deverá fazer as saudações de praxe em Santo Domingo tendo em vista a ocupação militar norte-americana”. Em uma mensagem lacônica, igualmente cifrada, Le Bretón respondeu: “Saudar Dominicana”.

Duas versões – As duas versões históricas do episódio foram fornecidas por Manuel Gálvez, biógrafo

de Yrigoyen, e pelo professor Gabriel del Mazo. Ambas contêm detalhes inexatos. O primeiro deles, por exemplo, sustenta que o *9 de Julho*, ao não ver na fortaleza do porto a bandeira dominicana, não fez as homenagens de praxe, o que teria dado motivo a que as “autoridades” norte-americanas pedissem explicações ao capitão sobre sua atitude.

De la Fuente – que segundo Gálvez “foi minuciosamente instruído pelo próprio Yrigoyen” – teria respondido da seguinte forma: “Tenho ordem do senhor presidente da República de saudar a bandeira de Santo Domingo, mas como não é a que vejo no forte, devo abster-me de qualquer homenagem.”

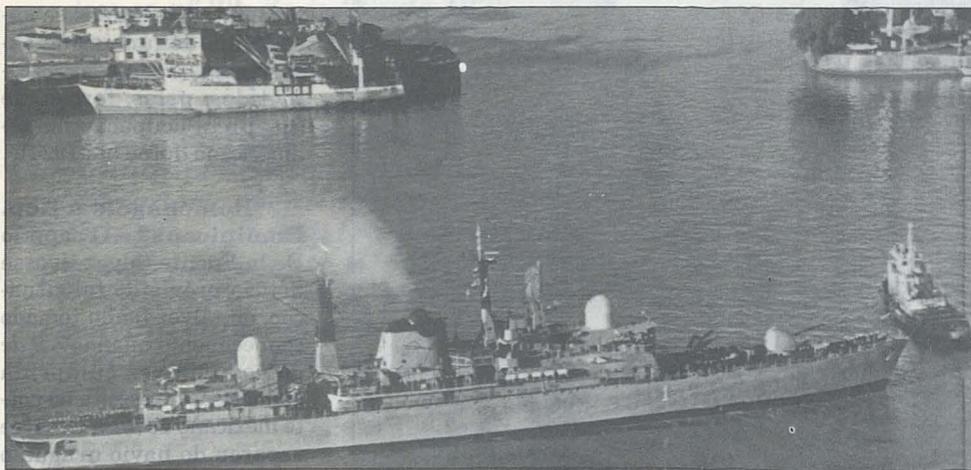
Gálvez acrescenta que “as palavras do comandante se espalharam rapidamente pela cidade” e que “algumas mulheres prepararam uma grande bandeira dominicana e a ergueram. E então as vinte e uma salvas dos canhões argentinos homenagearam, diante da histórica Santo Domingo, a infeliz nação irmã”.

A simples transcrição do diário de navegação do capitão De la Fuente descarta, em princípio, a teoria de que foi “minuciosamente instruído pelo próprio Yrigoyen” para agir como fez, a não ser que tal suposto detalhe Gálvez considere implícito na resposta cabográfica de Le Bretón.

A versão do professor Del Mazo é mais correta, embora incorra em erro garrafal sobre a data do episódio (“Foi em janeiro de 1919”, disse, quando na verdade ocorreu em 13 de janeiro de 1920):

“O comandante do navio consultou o ministro da Marinha sobre as possíveis alternativas: se atracava ou não em Santo Domingo e se, em caso afirmativo, saudava a bandeira norte-americana ao entrar no porto. A resposta foi imediata e partiu do próprio presidente Yrigoyen. Dizia: ‘Vá e saude a bandeira dominicana’. Dentro do taxativo laconismo da mensagem estava imbuído o caráter de uma nova era na Argentina. Por uma parte, não fugir e sim enfrentar as contingências reais dos princípios proclamados. Por outra, afirmar de novo para o mundo que a soberania das nações, ainda a das mais fracas, possui um caráter inatável independente de quaisquer fatos que pretendam abatê-las. E é por isso que se deve saudar sua bandeira.”

“O barco argentino, ao entrar no porto, içou ao topo a bandeira de um país abatido, saudando-a com uma salva. A notícia rapidamente correu a cidade. Um grupo de pessoas fez com retalhos uma bandeira dominicana que içaram na torre da forta-



A Marinha argentina realizou, em 1920, um gesto histórico de apoio à República Dominicana

20 ANOS - ESPECIAL

leza. Vinte e uma salvas de canhão do navio argentino prestaram homenagem à bandeira nacional da República Dominicana e não à norte-americana, ou seja, a do país estrangeiro, que tremulava na sede do governo.”

“A multidão se lançou às ruas e um grande número de manifestantes foi até à sede da Prefeitura, em meio à perplexidade das autoridades norte-americanas de ocupação, que não se atreveram a impedir o protesto. Um dos oradores disse: ‘Obrigado ao presidente argentino Yrigoyen que nos fez viver pelo menos duas horas de liberdade dominicana.’”

De acordo com o diário de navegação do 9 de Julho, “em 13 de janeiro de 1920, ancoramos em Santo Domingo. Imediatamente se saudou a Praça”. Saudou-se, sim, mas com a bandeira dominicana no alto. Houve, pois, uma saudação consciente, premeditada, altiva e explícita à bandeira e ao povo dominicanos, realizada por um navio argentino que levava o simbólico nome da data de sua independência nacional (9 de julho).

O povo nas ruas – A população da cidade de Santo Domingo não sabia como acolher os visitantes argentinos. Apesar de sua extrema pobreza, resultante da terrível guerra civil que havia dado pretexto à intervenção estrangeira, cada família queria ter como convidado um marinheiro ou um oficial. As mulheres e as crianças os beijavam tão logo os reconheciam por seu uniforme branco, lhes entregavam flores; os homens cumprimentavam respeitosos, chapéu na mão, e os jovens davam gritos de “viva a Argentina!”.

A população, eletrizada por saber o significado das 21 salvas de canhão naquele contexto, havia saído às ruas em massa – violando as expressas ordens militares dos ocupantes norte-americanos – e se apoderado delas, esquecendo a proibição, ou quem sabe desafiando-a.

O porto se converteu em foco de potencial insurreição. Os oradores improvisados se sucediam e um saudável patriotismo envolvia e contagiava igualmente todos os dominicanos que, segundo um escritor cronista posterior, se soubessem a música e a letra do hino argentino o teriam cantado mil e uma vezes aquele dia e os que se seguiram.

Diante da imprevisível agitação reinante, e sobretudo desnorteadas pelo gesto do comandante do 9 de Julho, as mais altas autoridades da intervenção pediram instruções a Washington. Também para elas não era comum que se desconhecesse sua posição de potência ocupante, o que implicitamente havia sido expressado com a saudação à independente e soberana República Dominicana. Na tarde de 13 de janeiro, a resposta chegou: se devia responder à saudação com a salva de canhões de praxe. Tio Sam optava por não complicar mais a situação.



Em 1965, Caamaño Deño (dir.) liderou a rebelião contra os militares que haviam derrubado Juan Bosch (esq.), presidente eleito três anos antes

No dia seguinte, 14 de janeiro, o Clube União anunciou uma cerimônia de boas-vindas aos oficiais do 9 de Julho. Horas antes, as estreitas ruas que convergiam para esse local estavam tomadas pelo povo. À medida que os marinheiros argentinos iam chegando, entre “vivas” e aplausos, se viam obrigados a apertar todas as mãos que lhes estendiam. Os dominicanos que não podiam ter esse gosto, se contentavam em tocar os uniformes, como se apenas esse gesto de gratidão e emoção bastasse para expressar o que mais desejavam aqueles homens, mulheres e crianças: a liberdade, outra vez, para a pátria subjugada.

Durante a festa um poeta que hoje figura entre os melhores da República Dominicana, Fabio Fiallo, leu um poema improvisado, no qual colocou o nome do navio argentino. A estadia da tripulação nessa cidade teve que ser encurtada, sem que pudessem retribuir as atenções recebidas, já que não podiam reportar-se às autoridades dominicanas inexistentes. Retribuí-las às tropas interventoras, equivaleria a negar o sentido de tudo que havia sido feito até então.

Mensagens de gratidão – Em 16 de janeiro de 1920, às oito da manhã, o navio argentino levantava âncoras rumo a San Juan de Porto Rico. Chegou à Argentina em 21 de fevereiro, depois de ter navegado 1.650 milhas. No mesmo dia, o capitão De La Fuente concluiu sua missão de comandante do navio. Continuou prestando serviços na Marinha como subdiretor da Escola Naval Militar e como professor de Hidrografia e Balística nessa mesma instituição. Deixou a ativa em 7 de setembro de 1928 e faleceu em 12 de junho de 1949.

Sabe-se que, alguns anos antes, o ditador dominicano Rafael Leónidas Trujillo – interessado em explorar o episódio em seu próprio benefício – fez chegar a mais alta condecoração ao marinheiro reformado, que se negou a aceitá-la.

Cabe assinalar, além disso, que dois dias depois da partida do 9 de Julho de Santo Domingo, em 18 de janeiro, Juan Elías Moscoso, única autoridade dominicana admitida pela tropa de ocupação, enviava ao prefeito de Buenos Aires, José Luis Cantilo, a seguinte carta onde, nas entrelinhas, se lê o que o funcionário não podia expressar com franqueza:



O general Juan Carlos Onganía queria que o presidente argentino Arturo Illía enviase tropas para intervir na República Dominicana em 1965

“A cidade de Santo Domingo sente-se regozijada e fortalecida ao receber a visita do navio argentino *9 de Julho*. A prefeitura desta cidade, em nome do povo, cujos interesses e sentimentos representa, decidiu, em sessão solene, enviar uma mensagem de simpatia ao prefeito de Buenos Aires, capital da grande República Argentina, cuja crescente força é um baluarte de liberdade e justiça internacional para os povos da América espanhola.”

Pouco mais de um ano depois, em 15 de março de 1921, da cidade dominicana de San Pedro de Macoris, onde estavam reunidos em assembléia semi-secreta os patriotas que exigiam a imediata retirada das forças de ocupação norte-americanas, se enviou ao presidente Yrigoyen esta mensagem:

“O Congresso das Juntas Patrióticas, instalado em 6 de março, envia-lhe mensagem de gratidão dominicana e confia em que vosso esforço constante de apoio à causa da República acelerará seu êxito.”

A história se repete em 1965 – A história das salvas de canhão do *9 de Julho* se completou – ou quase – 45 anos depois, de um modo igualmente inesperado. Por causa de uma gestão que realizou a Liga Naval Dominicana, o presidente argentino Arturo Illía resolveu presentear à República Dominicana o canhão do navio que em 1920 havia disparado as históricas salvas. A fragata-escola *A.R.A. Liberdade*, encarregada da missão de transportar o canhão e entregá-lo, chegou ao porto de Santo Domingo no dia 24 de abril de 1965, incrivelmente no mesmo dia em que se iniciava na ilha a insurreição popular contra a junta militar que havia derrubado o presidente de esquerda Juan Bosh, eleito democraticamente em 1962 e que ficou no poder apenas sete meses.

Como mais uma ironia da história, a cerimônia solene de entrega do canhão teve que ser suspensa, devido, entre outras circunstâncias somadas à insurreição liderada pelo coronel Francisco Caamaño Deño, ao “detalhe” de que o presidente Lyndon B. Johnson,

como antes Woodrow Wilson, ordenou o desembarque em massa na República Dominicana de forças por terra, mar e ar. As tropas norte-americanas não só interviram na guerra civil, como o fizeram aliando-se às forças conservadoras e reprimindo o setor popular que havia se rebelado contra a perpetuação do *trujillismo*, mesmo depois do assassinato do ditador, em 1961.

Naquele momento, o comandante-em-chefe do exército argentino, tenente-general Juan Carlos Onganía pressionava o presidente Illía – pertencente à União Cívica Radical, como o seu distante antecessor Hipólito Yrigoyen – para que autorizasse o envio de tropas à República Dominicana. Onganía queria que as tropas argentinas engrossassem o contingente da OEA (Organização dos Estados Americanos) que participou da invasão. Na verdade, a participação da OEA servia apenas para dar cobertura política a uma ação comandada e executada por iniciativa única e exclusiva dos Estados Unidos a fim de impedir a possível volta ao poder de um governo marxista na ilha.

Mas o presidente Illía se negou a atender ao pedido do militar – que o derrubaria um ano depois –, o que levou a OEA a solicitar tropas de intervenção à ditadura brasileira de Humberto Castello Branco, que um ano antes havia derrubado o governo constitucional de João Goulart.

Homenagem a Yrigoyen – O canhão do *9 de Julho* teve que ser entregue em alto mar a uma unidade de guerra dominicana, que o depositou em um estaleiro naval. Dali, por iniciativa de Gilberto Odalis Fiallo, descendente do poeta Fabio Fiallo, foi transportado em fevereiro de 1966 à Escola Naval Dominicana, no porto de Santo Domingo.

Naquela ocasião, em 1965, o embaixador argentino na República Dominicana recordou que, enquanto a Europa “se debatia na angústia e problemas gerados após o fim da I Guerra, na terra de Colombo resplandecia uma doutrina de irmandade, de solidariedade e de esperança, desprovida de egoísmos, nacionalismos exacerbados, ódios ou revanchismos. Fruto dela o navio *9 de Julho* ancorou nessas praias e fez retumbar os céus com o estrondo do canhão que hoje se entrega simbolicamente, mas que já tinha sido entregue em ato de pura e elevada fraternidade, aos herdeiros daqueles que também souberam, na sua hora, compreender em todo seu alcance americanista o gesto argentino.”

Uma rua central da cidade de Santo Domingo leva, desde 1925, o nome de Hipólito Yrigoyen. Uma placa alusiva, simples e lacônica, recorda o episódio que explica aquela simples homenagem ao gesto que fez viver um povo subjugado “pelo menos duas horas de liberdade”.

* O jornalista argentino Gregorio Selser foi colaborador de *cadernos* até sua morte. Foi autor de mais de 30 livros – entre os quais, “Sandino, general de homens livres” – e de milhares de artigos sobre a América Latina, a ingerência dos EUA no continente e os “trabalhos sujos” da CIA.